



XXII CONBRACE
IX CONICE | 2021
12/Set a 17/Dez
Evento online

EDUCAÇÃO FÍSICA E
CIÊNCIAS DO ESPORTE
NO TEMPO PRESENTE:
DEFENDER VIDAS.
AFIRMAR AS CIÊNCIAS

As pedagogias do balé numa perspectiva filosófica

Sessão de Pôsteres

Autores:

- Kátia Silva Souza dos Anjos
- Mônica Caldas Ehrenberg

E-mail de contato

ktiadosanjos@gmail.com

TRANÇANDO UM PLANO DE ESTUDO

Esse texto é fruto dos devaneios de uma pesquisadora em trânsito, nada muito certo, vários caminhos sendo feitos e muitas descobertas em torno de uma dança e suas pedagogias: o balé clássico. Sigo com uma filosofia em mente e **percebo a necessidade de refletir** sobre como eu penso e como agenciar tantos materiais e ideias para mover essa pesquisa, ainda em processo de sedimentação, **cujo objetivo é descortinar, ou dar a ver, as pedagogias do balé clássico (ou os devires). A metodologia** de pesquisa está apoiada numa abordagem qualitativa, tendo a filosofia pós-estruturalista como inspiração, **pretendo utilizar diversos materiais (ou intercessores): entrevistas, imagens, livros etc.**

Um dos problemas que visualizei com Deleuze e Guattari (1992,2010,2011) foi refletir sobre os modos de pensar. Como eu penso? E por que penso de tal modo com ou sem tais autores? Desde o primeiro contato com os autores senti-me deslocada, minha investigação sobre as pedagogias do balé foi esmigalhada, já não via “sentido” nas escolhas prévias que eu havia feito...





Como caminho de pesquisa preciso experimentar a conversa com bailarinas como possíveis *intercessores* e não como os sujeitos cujas vivências me conduzirão ao sentido, à existência das pedagogias. O território do balé clássico é bem conhecido, sua molaridade/raiz é forte e nítida, a busca talvez seja pela molecularidade, linhas de fuga, que não são capturáveis. “O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe(...) A criação são intercessores. Sem eles não há obra.” (DELEUZE, 1992, p.156). Para Deleuze os intercessores podem ser pessoas, livros, plantas, animais, fictícios ou não, o que importa é o movimento.

Território, molar, molecularidade, devir etc., são conceitos de Deleuze e Guatarri (Mil Platôs.)



Um dos meus intercessores é uma conhecida de longa data, uma vez disse a ela que havia assistido um espetáculo de balé com uma companhia de dança, que nós conhecemos bem, perguntei a ela o que havia achado dessa apresentação, pois eu fiquei em êxtase, e escutei dela que “faltou limpeza”, na época escutei e fiquei sem saber o que dizer, porque isso não era um problema para mim, eu só busquei a sensação do espetáculo. Após anos, agora em 2020, a entrevistei “convicta” de absorver os modos de ensino e aprendizagem do balé, e notei que novamente, de modo breve, ela menciona a **“limpeza”**.

De imediato não fiquei com isso na cabeça, mas conforme fui entrando na ambiência deleuziana e guattariana notei que talvez fosse aí a primeira dobra, porque o já dado, o molar, está na cara, mas minha pergunta, ou perguntas, deveriam ser outras. De início perguntei-me “como se ensina e como se aprende o balé clássico?” Contudo, pensei em outras perguntas, que se desdobram numa pesquisa em trânsito...



O QUE SOBRA

Devires – e não sei quais serão, aposto em alguns, mas eles acontecem, não são capturáveis, preciso me aninhar com os materiais, e esperar o instante do aparecimento, é necessário (de)sedimentar

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G; GUATARRI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2010
- DELEUZE, G. Os intercessores. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34,1992